

OS SERES HUMANOS COMO VETOR DE SALVAÇÃO PARA AS EMPRESAS EM TEMPOS CONTEMPORÂNEOS

Diana da Silva de Oliveira ¹
Geisse Martins ²
Maria Inês Vasconcelos ³
Mariana Laura Queiroz Ribeiro ⁴

RESUMO

O presente artigo intitulado Os seres humanos como vetor de salvação para as empresas em tempos contemporâneos e afetados por uma pandemia, procura analisar no cenário contemporâneo as bases estruturantes do capital, da tecnologia, do trabalho e o comportamento humano que está em constante evolução. Com o objetivo de analisar e tentar compreender como em cenários de alta complexidade as empresas vem se adaptando as novas realidades, e também de que maneira a tecnologia interfere nos processos de inovação. As análises também procuram concernir sobre um certo antropocentrismo empresarial. A pessoa humana agora está no centro da atenção das empresas e organizações, uma vez que é através de pessoas e suas inteligências, suas criatividade e capacidade de disrupção em modificar cenários e desconstruir criativamente o caos, de modo a promover inovação na produção de bens, serviços e produtos para as empresas e também para a sociedade. Como referência as afirmações e considerações de autores que pensam ativamente sobre o núcleo das ponderações e que irão servir de esteio nas argumentações e no estudo apresentado.

Palavras-chave: Capital, Conhecimento, Tecnologia, Trabalho.

INTRODUÇÃO

Marx e Engels em suas teorias e análises sempre se apoiaram em duas poderosas bases que são as crises do capitalismo e a tecnologia. Em suas abordagens esses pensadores tocaram no eixo do sistema nervoso central do capitalismo.

Em 2020 vive-se tempos novos e turbulentos. Não é a primeira vez que o mundo é virado de pernas para o ar. A Pandemia acelera, desequilibra, com agudos e severos reflexos para as empresas que buscam alternativas para inovar ao mesmo tempo que procuram manter-se no mercado. São novos tempos com novas demandas.

¹ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Unileya – MG, do@29687@gmail.com;

² Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação da Miami University of Science and Technology (MUST) – Flórida - USA, geisse@geisse.com.br;

³ Advogada. Bacharel em Direito e especialista em Direito Empresarial da PUC - MG, mariainesvasconcelos@yahoo.com.br;

⁴ Pedagoga, Especialista em Educação Especial e Neuropsicopedagogia e pós graduanda em Psicopedagogia pela FAFIRE-PE, maribeiro2@gmail.com;

O comportamento das pessoas e das empresas está em constante evolução. As instituições são dinâmicas e esse dinamismo é uma exigência para quem quer sobreviver com as cargas impostas pela revolução disruptiva da eletrônica geral, “desglobalização” (cada vez mais os países se fecham em blocos e há no exato momento (polarização econômica das duas maiores potências EUA X CHINA) uma acirrada concorrência por mercados e influência em seus respectivos blocos.

A tecnologia tem destacada importância nas organizações e para o futuro dos negócios. Em escala mundial o capital humano (conhecimento) é agora a maior das commodities nesse quebra-cabeça dos mercados e dos negócios.

Não obstante, que pesados investimentos sejam-lhe destinados a oxigenação de empresa para transformação em bens, produtos e serviços, se não ,estruturados esses investimentos; até pode ser que estes (bens, produtos e serviços) estejam completamente obsoletos em menos de cinco anos, mesmo que receba grandes aportes em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), tudo isso em razão do ritmo vertiginoso das inovações tecnológicas do mercado que surgem a cada momento.

Pragmatismos, à parte, fato é que a tecnologia não só agrega valor ao negócio como assegura e permite que se penetre em novos mercados. As empresas da pós-modernidades literalmente gravitam em torno da tecnologia. Ela é o novo dínamo contemporâneo, a força motriz que direciona negócios e empresas nesse Saara de incertezas.

Fato é que, ao mesmo tempo em que seu papel da tecnologia ascende com a velocidade da luz; a própria tecnologia reacende uma nova chama e induz novas reflexões: o valor do capital humano dentro das organizações, as pessoas como centro de tudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando as teorias de Marx e Engels foram propostas uma variável não ficou incólume. Foi a variável tecnologia. Haja visto, que no livro Capital, Karl Marx dedicou um capítulo inteiro para discorrer sobre o tema, diga-se de passagem, que é inclusive o mais longo e que explicita ali não somente o ponto nevrálgico das teorias do pensador, mais também que não o deixa tergiversar sobre o panorama ainda desconexo daquele presente, ou até quem o diga ser uma antevisão de um futuro próximo e as transformações que estavam no por vir.

Ela, a tecnologia está presente agora nos telefones celulares, se prepara para ajudar nas análises e decisões de processos, mesmo na área jurídica, atua no controle de satélites e vai de tablets até mesmo nos caças F-35 ela está lá ativa e operante.

Como exemplo a Amazon afirmar ter inteligência artificial em quase todos os seus processos, sobretudo na sua logística. No Brasil um outro exemplo que se destaca é o robô Laura, (inteligência artificial) que já salvou mais de 12 mil vidas na área da medicina, e já faz parte na vida de pacientes e dos profissionais da saúde.

Não resta dúvida que as três leis da robótica determinadas por Isaac Asimov estão cada vez se tornando uma constante na vida das pessoas e deixando de ser algo ficcional e se firmando com uma realidade incomensurável e necessária.

Mas uma verdade se firma nesse cenário, nada substitui o ser humano. Um caça precisa de um piloto pois ele não possui o treinamento e a inteligência deste.

Um hospital precisa de médicos e sua sagacidade em interferir e salvar vidas. A Amazon com seu potente, sólido mercado digital precisa de pessoas para pensar disruptivamente e reformular questões no transacionar, isto para agregar valor nos processos de e-commerce em nível global.

Muito embora possa parecer que a tecnologia vai suprimir ou mesmo ceifar a existência ou atuação do ser humano, isso não acontece pois seres humanos e tecnologia estão lado a lado, numa paralela infinita. Não há que demonizar ou endeusar a tecnologia.

Ela existe na mesma medida e proporção em que a espécie homo sapiens também existe. Não se pode dissociar uma da outra, e nem tão pouco uma anula a outra. Seres humanos e tecnologia caminham juntos. Os seres humanos não podem viver sem tecnologia, mas essa também não pode suprimir a existência humana.

Para nos ajudar, Castells (1999 p.71) é categórico em afirmar:

Foram, de fato, “revoluções” no sentido de que um grande aumento repentino e inesperado de aplicações tecnológicas transformou os processos de produção e distribuição, criou uma enxurrada de novos produtos e mudou de maneira decisiva a localização das riquezas e do poder no mundo, que, de repente, ficaram ao alcance dos países e elites capazes de comandar o novo sistema tecnológico. O lado escuro dessa aventura tecnológica é que ela estava irremediavelmente ligada a ambições imperialistas e conflitos interimperialistas (CASTELLS, 1999, p. 71).

Retomando as análises e a narrativa de Marx que ao antever que a revolução da tecnologia poder ser a possibilidade do esteio para uma nova forma de vivenciar a espécie humana, uma vez que a tecnologia estaria incumbida das tarefas maçantes e rotineiras, e na mesma esteira de pensamento coaduna com as proposições de Asimov os seus robôs.

Martins (2020 p. 73) na sua inteligência propõe:

“As pessoas em todo o mundo, e também no Brasil, utilizam-se dessas tecnologias para quase todos os fins. Elas já se fazem presentes em praticamente tudo que o homem contemporâneo faz, em suas ações de relacionamento interpessoal, lazer, cultura, compras e até mesmo educação.” (MARTINS, 2020, p. 73)

Diante de tudo que foi exposto, pode-se determinar que pessoas, tecnologia e trabalho estão entrelaçadas. São indissolúveis e desde a pré-história nas antigas rodas em volta das fogueiras, perpassando pelas transformações sociais fundamentadas por Marx e Engels e chegando a inteligência artificial da atualidade e suas redes binárias que ajuda os seres humanos a pensar e tomar decisões. Pois a pior decisão é aquela que não é tomada.

A soma de tudo que representa de valor agregado das empresas, ao lado de sua cultura (experiência e conhecimento), seus empregados e seus clientes formam um conjunto essencial em fase de mudanças. Os símbolos e sentidos da experiência e da expertise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Impulsionados pelo capital e por pesquisas e desenvolvimento (P&D), os mercados (empresas, produtos, serviços) em seus mais diversos segmentos, viram-se diante das transformações efervescentes, alucinantes, e excruciante que ocorrem até agora. E, Marx em suas análises ao menos acertou em não deixar passar esse tema despercebido.

Sabe-se que a tecnologia está intrinsicamente ligada ao ser humano, melhor dizendo ao Homo Sapiens. Numa breve digressão é possível afirmar que quando os primeiros homínídeos ao dominar o fogo e quando se reuniram em volta deste para se aquecerem esse é o instante na história da nossa espécie que inicia o processo de

utilização da tecnologia para um bem-estar comum. Ainda que no começo lá na pré-história todas essas questões estavam subjetivas, como o desenvolvimento de ferramentas para a caça, agricultura e posteriormente com o advento da escrita, os registros deixados para a posteridade também representam o uso da tecnologia para as organizações de pessoas que de alguma forma (direta ou indiretamente se beneficiam da construção e uso das tecnologias)

São conspícuos os incríveis avanços e os custos da tecnologia nas empresas, em cujas impactos provocam alarme nas mais diversas instituições. As empresas estão cada vez mais cientes de que o investimento em tecnologia não só é necessário como é pedra angular da sobrevivência dos negócios, neste cenário conturbado e de inóspitas incertezas. Com o advento da Pandemia causada pela COVID-19 todas essas transformações foram aceleradas de forma ainda mais aguda.

Por conseguinte, as empresas e organizações começam a perceber a importância paralela e não menos importante, de investir em capital humano. Se perguntam como fazer se não há recursos para investimentos onerosos em tecnologia? Como sobreviver nessa fase de falta de crédito e de queda das receitas?

A consciência do entrelaçamento entre tecnologia e o homem, esteja ele na posição de cliente ou empregado é uma identificação cada vez mais marcante. Além de ser uma alternativa para escassez de recurso tangíveis.

Com efeito, a contemporaneidade está marcada por alguns fatores inexoráveis e que possuem uma ligação com esses eventos do passado. Primeiramente é o avanço das tecnologias, em todos os campos (medicina, agricultura, química fina, aeroespacial e tantas outras). Segundo é a forma de viver das pessoas (veículos cada vez mais tecnológicos e também alinhados com questões ambientais, sistemas de comunicação, telecomunicações e informática), e o terceiro ponto de mudança fulcral são as questões relacionadas com o meio ambiente. O capital monetário é a variável que impulsionam pessoas e suas organizações em todo o mundo nos dias atuais. Mas ele agora não está sozinho.

Nessa linha e direção pode-se analisar que ativos e seus valores não são apenas os monetários, sem substância física, como conhecimento e inteligência humana. Ambos são agora a matrix de uma nova era. Movidas pelo contexto de incerteza e desafios econômicos, e das descobertas tecnológicas que correm velozmente, as empresas enfrentam uma outra onda: o desarranjo econômico global e também o local.

As empresas seguem focadas em tecnologia, mas tem um novo olhar sobre (homens e mulheres) colaboradores e os empregados. Ao lado das máquinas, dos computadores, da inteligência artificial, o conceito de homem e de identidade é um renascimento. O mindset de valorização do homem não é mero fetiche. O homem está na moda. A identidade do homem voltou a ter significado. É o Antropocentrismo empresarial.

Por identidade se compreendem os atributos da pessoa humana. Suas capacidades; todas: de pensar, agir, criar, reinventar e sobretudo, a singularidade. Não há homem igual a outro e os traços da personalidade são realmente individuais.

As pessoas, dotadas de personalidade e identidade, tornam-se assim, maior patrimônio de uma instituição, ao lado do conhecimento e da experiência; representando parte do capital intangível das instituições.

Questões relacionadas ao meio ambiente já constam nos planejamentos estratégicos das empresas e das organizações. Estão dentro os tópicos principais de análises e organicamente já estão no radar dos stakeholders.

No que se refere a matriz (Capital Humano – Tecnologia – Trabalho) se apresenta agora ainda mais entrelaçada e nos seus pontos de força axial, tencionam cada vez mais uns sobre os outros, de tal sorte que há uma perturbação nessa força criando entropias indecifráveis.

De acordo com Marx (1844 p.161) delimitou que a atuação humana somada aos recursos naturais e a implementação do uso da tecnologia impulsiona a humanidade.

Em contraponto Peter Senge (2012) é enfático em afirmar que o futuro das nações e das organizações irá depender cada vez mais de sua capacidade de aprender de forma coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, o fato concreto é que o realmente tem valor dentro das organizações em tempos de tamanha revolução são as pessoas e seus conhecimentos.

São as pessoas que pensam criativamente e que podem surpreender previsões e planejamentos. Não se pode negar, no entanto que a tecnologia que está em congruência com tudo isso, e, diga-se de passagem, interfere em todos os processos dentro das organizações. Um bom exemplo atual é o da inteligência artificial.

Relacionamentos são vitais em fase de transição. Corrobora essa visão, um fenômeno bastante praticado no Brasil. A fusão ou sucessão de instituições financeiras. Desta fusão nasceu o ItaúUnibanco S.A. , o Banco Real foi encampado pelo Bradesco. O Banco do Estado de Minas Gerais também foi vendido para o Itaú. Todos esses processos além de custo medido em moeda e preço, também levaram investimentos grandes em pessoas.

As pessoas então ganham relevo agora dentro das organizações. A coisificação da mão de obra é peça do passado. A visão distorcida e niilista empresarial de outrora dá lugar a uma nova cosmovisão em que pessoas e o vetor de salvação das empresas.

A desqualificação do trabalhador e as tentativas de alienação são superadas pelos sistemas de valorização, donde se destacam o sistema de meritocracia e as promoções arrimadas em resultados efetivos. A preocupação com a subjetividade e a independência de pensamento, revelam que há uma tendência à desalienação, pela valorização do trabalho humano.

Harari (2017) em seu livro Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã quando profetiza o trabalho daqui a 50 anos endossa essa visão quando afirma que "Cabe aos governos proteger os cidadãos dos perigos da revolução tecnológica, dos choques econômicos e políticos e das ameaças existenciais ao homem. Para isso, deve haver uma cooperação global.


Portanto, a alienação está atenuada pela valorização das identidades. Pessoas valem milhões e a criatividade é algo que pode mudar o destino de uma empresa. Assim, o investimento em pessoas e a conclusão de que o elemento humano é essencial no mundo empresarial é uma necessidade.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. (1999). **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1.

HARARI, Y.N.(2015). **HOMO DEUS: Uma breve história do amanhã**. Companhia das Letras.

MARTINS, G. et all (2020). **Educação para um Mundo Contemporâneo**. Clube dos Autores. Belo Horizonte.



MARX, Karl & ENGELS, Friedrich.(1988.). **O Manifesto Comunista.** 3ª edição, São Paulo, Global,

MARX, Karl. (1988). **O Capital.** Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural,

SENGE, M. PETER (2010). **A Quinta Disciplina: Arte e prática da organização que aprende.** 26ª Edição, Rio de Janeiro, Best Seller.